

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

JORGE, Vladimir Lombardo . Vladimir Lombardo Jorge (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 27min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Vladimir Lombardo Jorge
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 18/07/2018 a 18/07/2018

Duração: 1h 27min

Arquivo digital - áudio: 1;

Temas: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS); Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Ciência política; Ciências Sociais; Fernando Henrique Cardoso; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Luiz Inácio Lula da Silva; Niterói; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Relações internacionais; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

Sumário

Entrevista: 18/07/2018 Graduação de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, de 1987 até 1992; em 1994, iniciou o mestrado em ciência política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); em 1996 começou doutorado, também no IUPERJ; bolsa de iniciação científica durante a graduação com a professora Maria Antonieta Parahyba e Maria Celina D'Araújo; no início da graduação trabalhou na Livraria Forense e na Forense Universitária; pesquisa remunerada com professor Jairo Nicolau em 1993 até começar o mestrado; orientação de Marcus Figueiredo no mestrado; dissertação sobre propaganda política comparando o programa eleitoral do Lula e do Fernando Henrique Cardoso da eleição de 1994; estratégia para a escrita; doutorado com orientação de Marcus Figueiredo; começou trabalhar em 1997 na Pontifícia Universidade Católica (PUC) como professor; durante a graduação deu aula para presos do presídio Edgard Costa; preparação das aulas em formato de texto no papel e memorização; utilização de autor e comentador na preparação de aulas; trabalho na Universidade La Salle (Unilasalle) em Niterói de 2005 a 2007; livro sobre comentadores com Lier Pires Ferreira, uma alternativa ao livro organizado por Francisco Correia Weffort; estratégias nas aulas; defesa da tese de doutorado em 2003; tese sobre comunicação política; estudo na Biblioteca Nacional nos jornais; permaneceu na PUC até 2010; ida a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) desde a graduação; pesquisas com Paulo d'Avila; pesquisa com Heloísa Dias, sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação, e publicação na Anpocs e Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP); em 2010 entrou como professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); carga de trabalho em casa; vice coordenação do curso de Relações Internacionais da Rural em 2011 e posteriormente a coordenação; primeira solicitação de bolsa de iniciação científica quando era coordenador do curso de Relações Internacionais na Rural; em 2014 iniciou como coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); separação da comunicação profissional e pessoal por diferentes e-mails; diminuição de tempo para pesquisas; experiência da orientação; diferença de perfil da Rural e da PUC; hábito de uso das redes sociais; consumo de informação na internet; divisão de curso de extensão sobre o golpe com Pedro Henrique Campos.

Entrevista: 18/07/2018

J – Hoje é dia 18 de julho de 2018, CPDOC, entrevista com Vladymir Lombardo Jorge. Vladymir, obrigada por ter vindo. E a primeira pergunta é muito simples: onde e quando você estudou Ciências Sociais?

V – Eu fiz a minha graduação na UFF, em Niterói, de 1987 até 1992, se eu não me engano até julho de 1992. E comecei depois, em 1994, o meu mestrado no IUPERJ, antigo IUPERJ. E em 1996 comecei o doutorado.

J – No caso você ficou cinco anos na UFF praticamente, quando é que você começou algum tipo de atividade profissional remunerada ainda na graduação? Teve estágio, bolsa? Como é que foi isso pra você?

V – Sim, na graduação eu tive bolsa.

J – De iniciação?

V – De iniciação científica. Nos primeiros anos eu trabalhava e estudava.

J – Aonde você trabalhava?

V – Eu trabalhava aqui no centro do Rio de Janeiro na Livraria Forense, depois trabalhei na Forense Universitária. A Forense ficava na Erasmo Braga e a Forense Universitária ficava na Rua da Assembleia. E aí nesses dois primeiros anos, eu trabalhava e estudava. Quando me mandaram embora, isso foi em 1989, início de 1989, eu passei a somente estudar. E aí logo em seguida, isso foi em fevereiro e a partir de agosto, eu comecei a ter uma bolsa, mas eu comecei a trabalhar com a professora Maria Antonieta Parahyba bem antes. Comecei a trabalhar em março, abril, aí na época ela falou pra mim: “Eu não tenho bolsa ainda, mas estou solicitando, chegando, ela é tua”. E aí eu aceitei, comecei a trabalhar com ela nesse período aí até a bolsa chegar e permaneci trabalhando com ela até terminar. Na verdade, eu trabalhava com a professora Maria Antonieta e com a professora Maria Celina D’Araújo, elas tinham um projeto de pesquisa juntas.

J – Que era sobre o que? Você lembra?

V – Eu não lembro exatamente. A gente fazia...a minha principal atividade era ler os jornais e fazer uma seleção de matérias sobre economia, política, mas eu não lembro exatamente o tema da pesquisa.

J – Então, nos dois primeiros anos você era um estudante trabalhador. Você morava aonde naquela época?

V – Eu morava em Caxias.

J – Morava em Caxias, trabalhava no Centro e estudava em Niterói à noite, pesado, né?

V – Era pesado. Depois, quando eu deixei de trabalhar ficou mais tranquilo, mas era pesado, por isso que eu tive que estender a minha graduação, porque eu trabalhava na Erasmo Braga era só pegar a barca e eu estava em Niterói. Eu estudava ali no Valonguinho, naquele prédio amarelo, mas eu tinha autorização pra sair mais cedo pra poder estudar, mas nunca conseguia. Até porque eu comecei na livraria como vendedor depois passei a trabalhar no escritório e cheguei a função de vice-chefe lá da área de vendas da editora. E aí até por causa da minha função era difícil eu sair no horário, eu sair cedo, então, eu sempre perdia a primeira aula. Conclusão, algumas disciplinas eu tive que deixar para o final, por isso eu tive que estender mais.

J – E em que momento você conseguia ler os textos?

V – Ah, eu lia na medida do possível nos finais de semana, no horário de almoço às vezes, no ônibus, sempre que dava, a gente tinha que se virar. Mas ainda com relação a bolsa, depois que eu saí da UFF, eu ainda tive uma bolsa no IUPERJ.

J – Depois de formado?

V – Sim, depois de formado. O professor Jairo [Nicolau] estava envolvido numa pesquisa, que envolveu vários professores do IUPERJ, e aí ele me chamou, uma indicação da Antonieta, para trabalhar com ele nessa pesquisa. Eu trabalhei nessa pesquisa no ano de 1993, se eu não me engano, eu comecei no final de 1992 e vai até eu começar o meu mestrado.

J – Então, entre você se formar e começar o mestrado, essa foi a tua atividade mais remunerada?

V – Foi, sim.

J – E na tua cabeça, nesse pós-formatura, você pensou o que? “O que eu vou fazer da minha vida? Eu vou trabalhar? Eu vou fazer mestrado?”. O que tu pensava naquela altura?

V – Pois é, durante a graduação, eu não pensava muito nisso. Eu comecei a pensar nisso justamente no final da minha graduação e alguns amigos meus já estavam se formando e estavam indo para o mestrado. Teve um casal de amigos que foram para o IUPERJ. A professora Antonieta estava me incentivando a ir para UNICAMP, fazer o mestrado na UNICAMP, mas eu acabei optando... por a família morar aqui, por causa das facilidades, acabei ficando por aqui mesmo. Eu tentei prova para o mestrado em 1993, cheguei a ir para a entrevista, mas não fui selecionado. E aí o ano seguinte eu tentei novamente e passei.

J – Aí você entrou para a Ciência Política lá, né?

V – Foi para Ciência Política.

J – E como foi tua experiência de mestrado?

V – Ah, a experiência foi muito boa, uma carga de leitura muito intensa. Muitas disciplinas teóricas que exigiam uma carga de leitura muito intensa, mas a gente brincava na época que a gente gostava daquele sofrimento, afinal de contas a gente tinha escolhido, a gente tinha optado por fazer aquilo, ninguém estava ali obrigado. Eu tive uma turma muito boa, porque ao mesmo tempo que a gente estudava, a gente ficava naquela sala de leitura dos alunos o dia inteiro, eu ia cedo para o IUPERJ e ficava lá até à noite, saía de lá, provavelmente, depois das seis, sete horas. Então, ficava lá estudando, quando tinha aula ia pra aula, depois voltava, estudava mais um pouco e depois ia pra casa. E sempre que dava de final de semana a gente saía pra descontrair. A turma sempre marcava alguma coisa, um sábado ia pra Lapa ou vamos lá para São Cristóvão, Casa da mãe Joana. Então, tinha esses momentos que ajudavam muito também a descontrair, porque era uma pressão muito forte. Eu lembro das leituras, eram leituras às vezes textos em inglês, tinha que ler 300 páginas em inglês de uma semana pra outra. E a gente levava, diferente de agora que os alunos questionam mais, mas naquela época ninguém questionava nada. Era aquilo que a gente tinha que fazer, vamos fazer, ver o que dá pra fazer. Às vezes não dava pra ler o texto, mas dava pra ler 70%, 80%, 90% do texto, mas a gente se esforçava.

J – Quem te orientava lá?

V – Quem me orientava era o Marcus Figueiredo.

J – E sobre o que foi a sua dissertação?

V – A minha dissertação foi sobre a propaganda...foi um trabalho, uma pesquisa comparando o programa eleitoral do Lula e do Fernando Henrique Cardoso. A eleição de 1994. O trabalho foi fruto de um trabalhinho que eu fiz em uma disciplina dada pelo Marcus. Como no IUPERJ na época a gente tinha uma prova teórica em julho...a gente fazia o primeiro ano, aí quando chegava o final do terceiro semestre, a gente tinha uma prova teórica em julho. Então, a gente só começava mesmo a pensar na dissertação em agosto. Então, eu e toda a minha turma, a gente só escreveu a dissertação de agosto até novembro, porque a gente tinha um prazo pra defender pra poder ingressar direto no doutorado, se fosse aprovado, né? Então, eu conversei com o Marcus, eu fui primeiro com uma ideia para trabalhar com cidadania, mas aí ele falou: “Não, por que você não pega esse trabalho que você fez para o meu curso e desenvolve ele?”. Aí eu, como um bom orientando, segui a sugestão dele. Eu tinha material gravado, então, eu fiz essa pesquisa.

J – E como era você escrevendo? Cada um tem uma forma de escrever. Tem gente que precisa ter tudo organizado pra sentar e escrever, tem gente que é de pouquinho em

pouquinho. Como é que foi pra você? Como era tua estratégia naquela altura? Você lembra? Você tinha dificuldade pra escrever?

V – Não, não tinha. Sempre o início é muito difícil, você se depara com a folha em branco e não sabe como começar. Mas eu sempre adotei como estratégia começar por colocar a coisa no papel, porque depois que você começa a escrever, começa a ficar mais fácil você pensar, desenvolver. Como também eu já tinha feito esse trabalho para o Marcus, eu acho que a dissertação foi bem mais fácil do que a tese de doutorado. Eu acho que a dissertação foi mais fácil por causa disso. Mas eu sempre fui escrevendo aos poucos, eu nunca pensei nisso, eu não sei se eu tenho uma estratégia.

J – Você tinha um ritual? Tipo tem que escrever todo dia ou só escrevo fim de semana?

V – Não, aí eu trabalhava todo dia. Eu não me lembro da época do mestrado, eu imagino que tenha sido assim também, mas eu não lembro como foi.

J – Mas no doutorado...

V – No doutorado sim, eu tinha que todo dia trabalhar na tese. Nos finais de semana, as vezes no domingo, eu parava, mas geralmente eu trabalhava todos os dias da semana. Na verdade, a tese, se eu não me engano, ela tem quatro capítulos, os dois primeiros saíram rápido.

J – Estamos falando do doutorado agora, né?

V – Isso, do doutorado.

J – Você entrou em noventa e...

V – Foi em 1996.

J – Em 1996, você começou o doutorado com o Marcus?

V – Isso, foi. Foi com o Marcus. Eu, quando fui para o IUPERJ, já queria trabalhar com o Marcus, porque eu queria trabalhar com partidos e eleições. E na época só Marcus...o Olavo [Brasil de Lima Jr.] estava fora, então, só restava o Marcus lá e eu sabia já, eu entrei sabendo que eu queria trabalhar com o Marcus Figueiredo. Eu conhecia ele vagamente, nunca tinha conversado com ele até então.

Mas aí no doutorado, na tese, o Marcus me falou: “Eu quero primeiro ver um copião completo”. Aí eu fui pra casa, fiquei alguns meses trabalhando na tese e levei depois um copião pra ele, quatro capítulos. Aí ele ficou, acho que levou um mês, um mês e pouco pra ler, aí ele me chamou um dia, fui na casa dele.

J – Não foi no IUPERJ, foi na casa dele.

V – Foi na casa dele.

J – Mas em geral, vocês se reuniam no IUPERJ?

V – É no IUPERJ, essa acho que foi a única vez que eu fui na casa dele. Aí ele falou: “Olha, os seus dois primeiros capítulos estão prontos, agora os outros dois últimos têm que refazer”. Aí foram os capítulos que me deram mais trabalho, foram esses dois últimos capítulos. Agora, eu levei acho que um ano depois disso para produzir esses dois capítulos e ter uma resposta dele. Porque aí também é aquele negócio, a gente mandava e aí o orientador ficava um mês, dois meses, três meses sem dar uma resposta. Eu me lembro que teve uma vez que o IUPERJ começou a mandar cartas cobrando os alunos dizendo que ia jubilar se não defendesse no prazo, e aí eu peguei o telefone: “Marcus, olha, o IUPERJ está mandando essa carta...”. Aí ele: “Calma, calma, você não vai ser jubilado não”. Por causa disso, ele sabia, eu tinha mandado pra ele, já tinha passado alguns meses e ele não tinha ainda me dado uma resposta.

J – No doutorado você também estava com bolsa só dedicado ao doutorado ou você também trabalhou?

V – Eu comecei a trabalhar em 1997, em agosto de 1997, porque, quando começou o doutorado, eu estava vendo que alguns amigos meus já, alguns colegas da turma, já estavam começando a dar aula, e eu também comecei a ficar preocupado. Tinha uma colega, a Marta Dias, tinha começado a trabalhar na PUC, aí eu perguntei a ela se ela podia levar o meu currículo. Ela disse que sim. Aí eu entreguei o currículo Lattes pra ela, isso foi em maio se eu não me engano, maio ou junho. Aí quando foi no final de julho, faltando acho que uma semana pra começar as aulas na PUC, recebi um telefonema dizendo: “Olha, vem aqui que o professor Raposo...”, que era o chefe de departamento na época, “...quer conversar com você, ele tem uma proposta”. Aí eu fui, ele me ofereceu uma disciplina e eu aceitei, claro. Aí eu comecei a trabalhar na PUC, carteira assinada, remuneração, em 1997.

J – Você não tinha dado aula antes, né? Assim, sistematicamente.

V – Não. Minha primeira experiência em sala de aula foi durante a graduação. Eu trabalhei durante um ano dando aula para presos.

J – Como foi isso aí?

V – Tinha um projeto, que eu não me lembro exatamente de quem era a coisa, mas eu acabei sabendo lá na faculdade que tinha um projeto de dar aulas para presos ali do presídio Edgard Costa. Aí eu fui lá, conversei com a pessoa responsável e ela disse: “Olha, tem uma turma aqui de História e você pode compartilhar com o outro professor”. E assim foi, durante um ano eu trabalhei dando aula para presos, porque eles precisavam fazer uma prova. Eles estudavam para poder fazer uma prova para obter o certificado, o

diploma de primeiro e segundo grau. Então, essa foi minha primeira experiência em sala de aula.

J – E como é que foi trabalhar com os presos?

V – Foi muito interessante. Eu acho que quando você vai trabalhar num lugar desses você descobre uma outra realidade até porque você passa, entra num presídio, passa pela carceragem, aqueles caras mal-encarados que olham pra você com desconfiança e você acaba, nem todos, mas alguns deles, você passa a ter mais intimidade, começa a conversar e aí você começa a descobrir um pouco sobre a vida deles, sobre o que eles pretendiam fazer depois que saíssem dali e tudo. Então, foi um trabalho bem interessante, mas eu não tinha experiência nenhuma, eu era muito cru ainda. A minha grande escola foi a PUC. Foi ali que eu aprendi, acho que aprendi, a dar aula.

J – Fala um pouquinho da PUC, então. Você chegou em cima da hora, como é que foi preparar esse primeiro curso? Como é que foi tua estreia como professor?

V – Olha, eu sou tímido, mas até que eu me dei muito bem. Desde o primeiro dia de aula, eu acho que eu tive uma boa desenvoltura. Eu acho que eu não lembro exatamente como foi, mas eu não lembro de...eu não tive nenhum problema. As primeiras aulas, a primeira vez foi assim, eu preparava a aula assim de um dia para o outro e eu decorava...o que eu fazia como estratégia: eu ficava em casa lendo em voz alta e decorando o texto, porque eu sempre tive o hábito de escrever, então, todas as minhas aulas estão no papel.

J – Em esquema ou em texto?

V – Um texto mesmo. Hoje eu tenho aula que vai dos gregos aos autores contemporâneos que são textos, que são na verdade anotações. Eu vou lendo livros, artigos e aquilo que eu acho interessante, importante, eu vou anexando nesse texto, mas é para minha consulta, não é nada para ser publicado. Então, eu sempre fiz isto. Eu fazia isso, no início, e lia, ficava lendo em voz alta para memorizar o texto.

J – O teu texto que você compunha?

V – Isso, exatamente, o meu texto, que era aquilo que eu ia justamente falar em sala de aula, porque eu não queria ficar lendo o texto, não fazia menor sentido. Eu queria demonstrar para os alunos, embora eu estivesse começando, eu queria demonstrar uma certa firmeza, uma certa segurança. Então, eu fazia isso. Essa era a minha estratégia. Durante muito tempo eu fiz isso, nos primeiros anos eu sempre lia em voz alta até memorizar aquele texto.

J – Mas você conseguia memorizar um texto inteiro para uma aula de 50 minutos, uma hora e pouco?

V – Eu acho que memorizava sim, naquela época eu acho que eu memorizava. Claro, faltava, às vezes eu esquecia uma coisa ou outra, mas eu acho que...porque com o tempo, aquilo vai se repetindo, sempre vinham mais aulas...você vai... Hoje eu não preciso fazer isto e nem faço quando o texto também é muito novo, quando é um autor novo que eu estou apresentando, mas à medida que eu ia repetindo de um semestre para o outro ia sendo mais fácil. Mas eu acho que eu memorizava, não sei se 100%, mas pelo menos uma boa parte do texto, as principais coisas eu memorizava.

J – Você levava esse texto contigo pra ficar consultando?

V – Sim, sim. Ficava em cima da mesa, hoje em dia eu tenho *tablet*. Mas como eu não sei dar aula sentado, eu gosto de dar aula em pé e andando de um lado para o outro, então, fica difícil sentar e ler. Só quando eu vou dar aula na pós-graduação que eu acabo dando aula sentado, mas de vez em quando, eu levanto também e começo a andar, porque, eu não sei, eu sinto necessidade de levantar, caminhar e falar.

J – Pra compor esses teus textos, você usava basicamente os textos que você ia usar, por exemplo, Locke, ou também comentador?

V – Não, eu usava o autor e comentadores. Sempre fiz isso. Sempre procurava ter alguns autores de referência, Norberto Bobbio ou outros autores assim que pudessem ser uma referência para ajudar no entendimento do texto ou pra acrescentar alguma coisa, esclarecer alguma coisa. Porque, por mais que a gente tenha lido esses textos na graduação e depois na pós-graduação, são textos que nem sempre você compreende eles inteiramente. Isso é muito curioso, porque as coisas, na medida que você vai lendo uma, duas, três, quatro...às vezes chega na quinta vez aí você: “Ah, agora consegui entender isso aqui. Isso aqui faz mais sentido”. Então, eu sempre usava os comentadores. Eu sempre faço isso, gosto de usar os comentadores para mostrar, inclusive, leituras diferentes, mesmo que eu não vá aprofundar naquelas leituras, mas indicar para o aluno: “Olha, não existe só essa leitura. Existe essa outra interpretação aqui também. ”. É que eu acho que para o aluno é importante isso. É bom que ele tenha essa noção de que eu estou ali passando uma leitura, mas existe uma outra leitura possível, às vezes conflitantes.

J – E você relia os mesmos textos? Você ia dar, sei lá, Locke de novo, você relia? Ou tem um momento que você fala “chega”?

V – É, no início, eu lia. Hoje em dia eu já não faço mais isso. Hoje em dia eu leio apenas as minhas anotações. Aí o que acontece, de vez em quando, eu percebo que é necessário renovar o texto, as minhas anotações, aí eu vou e busco algum livro, algum comentador, algum artigo novo que eu não tenha lido ainda pra ver se eu posso aproveitar. Então,

depois eu vou mudando, mas também muito pouco. Como eu faço essas anotações, alguns anos atrás, isso na época que eu trabalhava na PUC ainda, na verdade, eu trabalhava na PUC e trabalhava na Unilasalle em Niterói...

J – Foi de quando a quando que você ficou na Unilasalle? Você lembra?

V – Ah não lembro. Talvez tenha sido entre 2005 e 2007.

J – Ah foi pouco tempo comparado com a PUC.

V – Foi, foi pouco tempo. Porque eu tenho um colega, o Ricardo Guanabara, ele era coordenador do curso de Relações Internacionais e me chamou para assumir uma disciplina de Sociologia.

J – Sociologia?

V – É, eu nunca tinha dado aula de Sociologia, eu odiava dar aquilo. Os alunos não gostavam e eu também não gostava, ninguém gostava. Mas, enfim, eu dei durante muito tempo aula de Sociologia. E aí teve um colega nosso, foi um colega de graduação, depois cada um foi para um lado e nos encontramos lá na Unilasalle que é o Lier [Pires Ferreira]. O Lier é um cara que eu gosto, que tem muitas ideias, ele sugeriu: “Vamos fazer um livro de comentadores. Um livro nosso comentando os livros clássicos”. Uma alternativa ao livro lá organizado pelo Weffort [Francisco C.]. Até hoje eu uso, muita gente usa, mas tem alguns textos que são muito fracos, a gente acha muito fraco. E aí organizamos, então, esse livro. E aí nós convidamos vários colegas da PUC, de muitos lugares pra cada um escrever um capítulo. E aí eu escrevi o capítulo sobre John Locke. Esse capítulo, grande parte dele são as minhas anotações, então, eu já tinha aquilo praticamente pronto.

J – Essas anotações que você fazia, você trabalhava, principalmente, em casa ou você usava a biblioteca da PUC?

V – Ah, usei muito a biblioteca da PUC. Como eu trabalhava na PUC, era horista, e a biblioteca lá é excelente, eu quando não estava em sala de aula ia para a biblioteca da PUC e ficava lá horas às vezes consultando e trabalhando. Mas escrever mesmo os textos eu escrevia em casa, porque na PUC, na biblioteca, eu não tinha o computador. Então, eu escrevia mesmo era em casa.

J – E aí você usava a noite ou algum dia específico ou quando dava?

V – Quando dava, quando tinha tempo. Eu sempre procurei organizar o meu tempo: “Esse horário eu não vou dar aula, então, esse horário eu vou usar para as anotações do texto”. Porque é aquele negócio tinha que fazer aquelas anotações, às vezes tinha que fazer de um dia para o outro, então, muitas vezes a anotação era feita um dia antes ou dois dias antes. Eu procuro sempre fazer uma semana antes. Por exemplo, eu vou dar aula na

próxima segunda-feira, então, quinta-feira e sexta-feira são os dias que eu reservo para ler, reler o texto, organizar o resumo. Porque eu sempre gostei também, desde a época da PUC, de fazer um resumo no quadro. Eu sou da velha guarda que gosta de trabalhar com quadro preto e giz, eu não gosto daquele quadro branco. Já usei uma época na PUC Datashow, mas eu achava que aquilo deixava os alunos muito parados, eles ficavam pedindo para mandar os slides por e-mail. Eu gosto de escrever no quadro, porque aí os alunos também são obrigados a escrever. Os alunos leem pouco. Eles têm a maior dificuldade de ler aquelas poucas páginas que você pede para eles lerem, então, colocando no quadro, pelo menos assim, eles estão ali entrando em contato, estão estudando. Então, eu sempre faço um resumo no quadro. Eu chego em sala de aula e faço isso: coloco o resumo no quadro, faço a chamada e começo a dar aula. E aí eu falo durante uma hora e meia ou às vezes até um pouco mais dependendo do...os alunos hoje, geralmente, são muito parados, muito quietos. Então, eu acabo falando mesmo uma hora e meia. Essa é a minha estratégia.

J – Você defendeu a tese em que ano?

V – Foi em 2003, novembro de 2003.

J – Nessa altura, você já estava na PUC fazia uns seis anos como horista.

V – Já.

J – Como era tua rotina? Você tinha quantas turmas nessa altura quando você defendeu? Três por semestre?

V – Quando eu comecei na PUC, eu tinha uma turma e durante muito tempo permaneci com uma turma. Depois passei pra duas. Quando eu defendi a tese, eu não lembro se eu tinha duas ou três turmas, mas no máximo três. Acho que eu tinha três turmas já naquela época. Aí depois eu passei a ter quatro turmas.

J – Um pouco pra compensar, você não tinha bolsa...

V – É, a PUC foi muito boa pra mim, porque eu consegui sempre negociar bem ali os horários. Então, na minha tese teve um longo período, um ano praticamente, um pouco mais de um ano, que eu tinha que ir para Biblioteca Nacional pesquisar nos jornais, então, eu pedi o primeiro horário da manhã. Eu ia pra PUC, dava aula e depois ia para Biblioteca Nacional.

J – E passava o dia fazendo pesquisa.

V – Passava. Quando eu não tinha que ir pra PUC, eu chegava na Biblioteca Nacional, se eu não me engano ela abria 8h30, eu chegava lá 8h30 e saía de lá junto com os funcionários. Era um inferno aquilo.

J – Porque sua tese foi sobre comunicação política.

V – Sim. Então, eu tinha que ler matérias nos jornais: *O Globo*, *Folha*, *Estadão* e *Jornal do Brasil*. Os quatro grandes jornais. Chegava lá, pedia, às vezes demorava a chegar o jornal e tinha que ler aquilo, então, demorava. Às vezes num dia o rendimento era ler um jornal ou dois no máximo. Eu lia e tinha uma planilha que eu ia anotando.

J – Tipo manchetes, tratamento dado ao candidato...

V – Eu tinha formulado uma planilha com uma série de perguntas e questões. Não lembro quantas exatamente. E aí eu preenchendo aquilo para cada notícia. Então, aquilo dava muito trabalho, por isso, levei aí eu acho que um pouco mais de um ano.

J – E depois para sistematizar isso? Um ano de planilha preenchida na Biblioteca Nacional, sentar pra sistematiza isso.

V – Na verdade, eu ia fazendo e já ia jogando, alimentando no banco de dados. Então, depois feito isso foi rápido. A dificuldade foi o tempo que eu levava...e depois ter acesso a alguns jornais que não tinham na Biblioteca Nacional que aí eu tive que procurar em outras. Na verdade, foi *O Globo* que ficou até um buraco lá na minha tese, porque eu não consegui ter acesso a alguns exemplares do *O Globo*.

J – E aí você defendeu a tese, doutor em Ciência Política, você dava aula na PUC. Como era sua rotina pós-tese? Você só dava aula na PUC? Como é que era o teu dia?

V – É, depois que eu defendi a tese, eu fiquei ainda um bom tempo na PUC. Eu defendi em 2003 e permaneci na PUC até 2010.

J – Você dava aula todo dia nessa época?

V – Acho que todo dia não. Eu dava aula acho que duas ou três vezes na semana. Eu não lembro, mas acho que todo dia não. Então, eu ia pra PUC e dava aula. Os dias que eu não estava dando aula na PUC, eu estava fazendo alguma outra coisa, talvez preparando as aulas para os dias seguintes, mas eu não lembro exatamente como era a rotina.

J – No caso, você era um professor horista na PUC.

V – Sim.

J – Mas aí, você já era doutor em Ciência Política e queria ser um pesquisador, aí você participava de congressos, procurava escrever artigos? Como era?

V – Ah, sim. Desde a minha graduação, eu sempre me interessei em ir a congressos. A primeira vez que eu fui no congresso da Anpocs, eu estava na graduação ainda, e depois eu fiquei muito tempo indo. Na época, a Anpocs nem estimulava a ida de alunos da graduação, mas a gente ia pra aprender, ver e aprender. E depois na PUC, eu comecei a trabalhar com um professor da PUC, o Paulo d'Avila, com ele eu trabalhei durante muito

tempo na época da PUC. Acho que desde 2002, 2003 por aí. Acho que foi em 2002 que a gente começou a trabalhar junto e foi assim até quase 2010. Nessa época, a gente produziu alguns artigos. Iniciamos em 2005, 2006 ou 2007, eu não lembro exatamente quando, mas nós começamos uma pesquisa que durou mais de um ano. Nós analisamos três municípios: Niterói, Mangaratiba e Petrópolis. Na verdade, a gente foi nesses municípios interessados no orçamento, na lei orçamentária do município. Mas aí lá em Mangaratiba, numa dessas vezes, nós nos deparamos com uma discussão dos vereadores em torno de um dispositivo parlamentar chamado indicação. E aí isso chamou nossa atenção. E acabamos depois disso fazendo uma pesquisa sobre esse dispositivo parlamentar. Isso deu origem a um trabalho que foi publicado na Anpocs e foi muito bem recebido na Anpocs. Até por causa dessa boa recepção, nós publicamos depois um artigo¹, se eu não me engano, na revista *Sociologia e Política* da Federal do Paraná [UFPR]. E depois algumas outras versões desse trabalho foram publicadas como capítulo de livros e talvez em algum outro lugar que eu não lembro. E depois, graças a essa pesquisa, um orientando meu fez um trabalho dando continuidade a essa pesquisa nossa que eu orientei lá na Rural [UFRRJ].

J – Fala um pouquinho como é que funcionava na prática essa parceria tua com o Paulo. Vocês tinham conversas formais? Vocês tinham uma reunião formal que vocês discutiam a pesquisa? Tinha uma divisão de tarefas? Como é que era isso?

V – Não, nós tínhamos um dia na semana que a gente se reunia na PUC mesmo. Era num local, geralmente...foi num local que naquela época o pessoal chamava de “favelinha”, era uma sala que ficava em um daqueles prédios, era lá em cima, tinha uma vista bonita inclusive, e chamava “favelinha”, porque era tipo um puxadinho, mas era uma sala grande com vários computadores, que eram usados por vários pesquisadores, se eu não me engano, na época. Então, a gente reservava e usava aquela sala lá durante uma hora, uma hora e meia. Era eu, o Paulo d’Avila e o terceiro colega que trabalhou nessa pesquisa que foi o Paulo César [G. de Cerqueira Lima]. O Paulo César foi até convidado, porque ele é estatístico, então, ele é importante nesse trabalho nosso. E tinham vários alunos que eram orientando do Paulo d’Avila, alunos de graduação. Na verdade, passaram por essa pesquisa vários alunos.

J – E aí vocês se reuniam semanalmente.

¹ <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/38773>

V – Semanalmente. Se eu não me engano, era uma vez por semana, porque a gente trabalhava com essas indicações e aí nós fomos até a Câmara Municipal e eles nos deram todas as indicações feitas pelos vereadores numa legislatura. E aí a gente tinha que classificar, eram mais de 20.000 indicações. Então, a gente tinha que classificar tudo aquilo. A gente passou boa parte do ano...a gente sentava na mesa, projetava aquilo na tela e ficava ali discutindo como é que a gente ia...porque às vezes era aquele negócio o vereador “fulano de tal” está pedindo a construção de uma praça ou a reforma numa escola ou a construção de uma dessas cabines que protege a pessoa que está esperando pelo ônibus, enfim, a gente tinha que pensar em que caixinha a gente vai colocar essas coisas. Então, a gente teve que fazer essa classificação. Nós depois também tivemos um trabalho que era justamente tentar separar pelos bairros do Rio de Janeiro, porque a gente estava interessado que tipos de indicações eram feitas para a zona sul, zona oeste, regiões da cidade que são mais carentes de infraestrutura. Na zona sul era muito mais comum ter reformas e na zona oeste, por exemplo, ter construção de alguma coisa, justamente devido a essa carência. Então, a gente ficou um ano trabalhando nisso até que a gente conseguiu finalizar essa classificação toda e produzir um texto.

J – Mas no caso, o seu trabalho se dava, principalmente, nessas reuniões semanais ou tinha uma parte que você levava pra casa? “O Vladimir vai ficar responsável por tal, tal...”. Ou era mais ali naquele momento?

V – Era mais ali. Claro, teve uma época que a gente tinha divisão de tarefa. Quando a gente ficou de produzir o texto, aí cada um ficou responsável por uma parte.

J – Ah, foi assim que estruturou o texto?

V – É, o Paulo ficou responsável por uma parte mais teórica do início, eu por uma parte mais de elaboração de alguns dados e o Paulo César por outra. Então, a gente fez uma divisão ali do trabalho, depois, juntamos, todo mundo leu, fizemos as correções, os ajustes para o texto ficar mais redondinho, pra levar depois pra Anpocs.

J – Foi escrito as seis mãos, então, o texto?

V – Foi, foi.

J – E não tinha um autor que liderava, que dava o estilo do texto? Ou não, era bem seis mãos mesmo?

V – Era. Talvez o Paulo tenha tido mais influência, mas acho que todo mundo teve alguma influência no texto.

J – Aí depois, vocês publicaram como artigo esse texto?

V – Sim, aí depois publicamos na revista. Antes, se eu não me engano, eu acho que saiu uma primeira versão naquela revista da PUC, mas não estou certo disso. E depois saiu uma versão como capítulo de um livro, que foi organizado, se não me falha a memória, por um pessoal da UFMG ou do Paraná, não me lembro. E depois eu acho que saiu uma outra versão, não tenho certeza.

J – Depois dessa parceria tua com o Paulo, você tinha alguma coisa sua? Alguma pesquisa sua que você tocava?

V – Sim, tinha uma colega, a Heloísa Dias, que foi minha colega no mestrado, estava na época em Goiás. Eu acho que quase na mesma época, até paralelo um pouco, nós começamos uma pesquisa sobre as novas tecnologias da informação e da comunicação. Essa parceria deu origem, na época, nós organizamos um dossiê para a revista da Federal de Goiás [UFG]. Essa parceria deu ainda origem, na verdade, a alguns trabalhos que foram apresentados tanto na Anpocs como na ABCP [Associação Brasileira de Ciência Política]. E nós publicamos também alguma coisa sobre essa pesquisa, mas eu não lembro exatamente onde. E chegamos a criar um laboratório, mas que depois com o tempo acabou sendo desativado.

J – Mas aí no caso a Heloísa estava em Goiás?

V – Estava em Goiás.

J – Como é que era a dinâmica de trabalho?

V – Ah, era por e-mail. Conversava na época por e-mail, porque ela estava lá. Era troca de e-mails, não tinha outra forma.

J – E era uma pesquisa também mais empírica? Tipo essa outra do Paulo. Tinha uma parte de coleta de dados? Como é que era?

V – Sim, teve uma parte empírica que a gente coletou dados, no caso eram dados na internet. Nós estávamos interessados nos usos políticos dessas novas tecnologias. Essa pesquisa começou numa época que esse negócio estava começando ainda. A gente acabou usando uma metodologia que havia sido criada por um professor lá da Federal do Paraná. Então, a gente usou essa metodologia dele nessa pesquisa. A gente tinha que coletar várias informações, vários dados e depois processar esses dados. E aí, mais uma vez, eu fiquei responsável pelo processamento desses dados. E aí mandava pra Heloísa, ela escrevia uma parte, eu escrevia outra parte. No mesmo esquema do Paulo. Eu sempre trabalhei assim. A gente fazia uma divisão de tarefas e cada um escrevia uma parte. E depois, todo mundo lia o texto todo, fazia algumas sugestões de mudanças para o texto ficar mais redondo.

J – No caso, você dava aula, tinha suas três, quatro turmas, tinha a pesquisa do Paulo, tinha essa com a Heloísa também, você tinha uma certa divisão ou fazia em períodos? Digamos assim: “Esse mês vou me concentrar na pesquisa da Heloísa”. Ou não era assim? Toda segunda você conseguia mexer nisso. Tinha alguma divisão que você procurava fazer?

V – Não, eu nunca pensei em fazer uma divisão. Eu acho que era de acordo com a necessidade. Se eu tinha que apresentar uma versão ou mandar pra algum lugar algum texto aí falava: “Bem, agora essa semana eu vou trabalhar nisso”. Porque comigo eu acho que até hoje é assim, eu acho que, às vezes como o prazo é mais é longo, eu acabo deixando mais para o final, mas aí isso já está pensado, planejado. “Isso aqui eu tenho que entregar dia 20, então, 10 dias antes, eu vou sentar e trabalhar só nisso, o resto vai ficar tudo parado.”.

J – Trabalhar, inclusive, na coleta de dados? Ou isso você já vai ter feito antes?

V – Não, isso aí é antes.

J – Isso você consegue fazer regularmente?

V – É. Eu estou falando aqui talvez na produção de um texto ou revisão de um texto, porque coleta de dados é uma coisa que dá trabalho, né? Às vezes os dados não estão lá, aí você tem que procurar aonde estão, às vezes os dados estão em papel. Hoje a vida do pesquisador ficou muito mais fácil. Eu peguei ainda uma época, desde a minha graduação, na pós também, eu ia ali para o Tribunal Regional Eleitoral, ia lá para biblioteca e o bibliotecário trazia aqueles resultados eleitorais tudo em papel e você tinha que ficar copiando aquilo. Hoje não, hoje você pode tirar fotografia com o seu telefone. Hoje os dados já estão na internet, é só você baixar e está ali. Então, hoje a vida do pesquisador ficou muito mais fácil, porque não tem mais que perder horas do seu tempo se deslocando e às vezes copiando pra depois jogar no computador numa planilha de *Excel* aqueles dados.

J – E quando é que foi a primeira pesquisa que pintou que você foi o coordenador e pediu um financiamento, digamos assim, para o CNPq ou pra CAPES? Você lembra?

V – Ah, sim. Isso foi já na Rural.

J – Você entrou quando na Rural?

V – Em 2010.

J – Aí você passou no concurso em 2010, nova fase, é lá em Seropédica, como é que era tua rotina na Rural? Você ia todo dia?

V – Não. A Rural é muito longe, então, como eu não vou de carro, eu levo entre duas e duas horas e meia pra chegar até lá.

J – Você não vai porque você não dirige ou você não tem carro?

V – Nós temos até carro, eu não dirijo, a minha esposa que fica com o carro. Mas é muito longe, mesmo de carro é muito cansativo, porque a volta, principalmente, dependendo do horário que você sai, se você sai de lá quatro horas da tarde, por exemplo, você vai pegar engarrafamento ali na Linha Vermelha ou na Dutra. Então, rende muito mais eu trabalhar em casa. Mas, claro, aí você também tem que ter uma disciplina. Quando eu não vou pra Rural e trabalho em casa, eu começo, sei lá, às nove da manhã e vou até a hora que der. Quando minha esposa chega, aí eu tenho que parar pra dar atenção pra ela, mas quando ela não vem pra casa, eu trabalho, sei lá, até às oito, até a hora que eu me sentir com disposição. Às vezes, em casa, eu paro umas oito, janto, vejo alguma coisa e volto. Se eu tiver sem sono, aí volto vou até de madrugada.

J – Você consegue trabalhar de madrugada ainda hoje?

V – Consigo. Na época do mestrado, eu fazia muito isso e depois também no doutorado um pouco também. Hoje bem menos, mas se for necessário, se eu tiver sem sono, eu vou até três, quatro da manhã.

J – E aí você faz de tudo? Tanto preparar a aula, quanto ler e escrever?

V – Eu prefiro ler na parte da manhã. Eu gosto da parte da manhã para ler. Eu acho que eu estou menos cansado.

J – Mais fresquinho.

V - Mais fresco. Aí depois do meio-dia, à tarde, eu já estou mais cansado e prefiro reservar para fazer coisas mais burocráticas ou coisas que não exijam muito raciocínio, muita atenção. Então, se eu for, sei lá, fazer uma pesquisa bibliográfica, eu faço na parte da tarde que é melhor do que fazer na parte da manhã, porque na parte da manhã eu vou ler. Ou então, se eu tiver que tratar coisas pessoais, por exemplo, ir ao banco. Algumas coisas eu deixo tudo pra tarde, porque a parte da manhã eu vou ler ou vou preparar uma aula que a cabeça está mais fresca.

J – E você é um leitor ativo? Você lê em *tablet* ou em papel?

V – Eu prefiro ler em papel, mas eu leio no *tablet* também.

J – E você risca?

V – Mesmo o *tablet* permite você marcar, anotar e tudo. Eu risco, faço isso.

J – Anota num papelzinho à parte suas impressões ou só lê mesmo?

V – Não, justamente, as minhas impressões acabam indo para essas anotações que eu uso em sala de aula. Geralmente, eu não faço isso na hora. Eu deixo marcado lá e depois eu jogo ali na folha em branco, as minhas anotações.

J – E como é que você faz pesquisa hoje em dia? Assim, você tem tua carga de aula, tuas coisas burocráticas, etc. Como é que fica?

V – Quando você entra na universidade federal, você tem que trabalhar, tem que fazer a parte de dar aula, tem que fazer a parte administrativa, tem extensão e tem pesquisa. São quatro atividades que a gente tem que dar conta. Quando eu entrei pra Rural, eu entrei em 2010 e a partir de 2011, eu tive que assumir, caiu na verdade, foi um acidente de percurso, eu assumi a vice-coordenação do curso de Relações Internacionais que estava sendo criado na época. E depois assumi a coordenação do curso de Relações Internacionais e isso toma tempo. Coordenador de curso na Rural, eu não sei nas outras instituições, mas na Rural coordenador de curso é aquele que mais trabalha, porque tem um número maior de reuniões para participar. Embora chefia de departamento dê trabalho e às vezes seja até mais conflituosa, porque tem que lidar com os colegas e com a reitoria também, mas a coordenação acaba tendo mais carga de trabalho. E eu estava pegando um curso que estava em formação, então, quando eu já estava na coordenação, eu fui responsável por receber trabalhadores do MEC...

J – Fazer PPC, essas coisas...

V – Isso já estava pronto. Na verdade, depois do MEC, o PPC teve que ser modificado, aí nós fizemos as modificações, mas foi uma época que deu muito trabalho, porque era um curso que estava começando, não tinha professores. Foi durante a minha gestão como coordenador que nós começamos a contratar os primeiros professores da área de Relações Internacionais, porque até então tinha uma professora apenas. Então, era uma época que eu tinha que coordenar isto e eu sempre dei duas aulas. Dava duas aulas, porque eu era do Departamento de Ciências Sociais, o curso de Relações Internacionais estava dentro do Departamento de História. Como o Departamento de Ciências Sociais fornecia professores para o curso de Relações Internacionais, por isso eu acabei, por acidente, me tornando vice-coordenador e depois coordenador do curso de Relações Internacionais. Então, essa era a parte administrativa que eu tinha na época, tinha que dar aula e foi na mesma época também que eu pedi uma bolsa pela primeira vez. Eu cheguei a ter duas alunas trabalhando numa pesquisa, de iniciação científica.

J – Essa foi a primeira pesquisa que você tocou lá na Rural.

V – Na Rural.

J – E aí vocês tinham uma verba de pesquisa ou era só bolsa de iniciação?

V – Era só bolsa. Aí depois disso, eu fiquei na coordenação dois anos, depois saí. E aí depois acabei assumindo também a coordenação, eu fui um dos coordenadores do Pibid [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência], que era um programa de incentivo à docência. Eu nunca fui um professor muito preocupado com a questão dos cursos de docência, mas eu acabei me envolvendo. A professora Maria Aparecida [Aparecida Maria Abranches] me chamou pra participar com ela do subprojeto de Ciências Sociais, aí durante algum tempo trabalhei com ela nesse subprojeto. E depois, acabei indo para ser um dos quatro coordenadores do Pibid da Rural. Então, fiquei durante um bom tempo...

J – Uns quatro anos quase, né?

V – Acho que quatro anos, de 2014 até março desse ano fiquei trabalhando no Pibid. Na verdade, fiquei dois anos como um dos coordenadores institucionais do Pibid.

J – E isso não te obrigava a ir lá direto?

V – Não, não me obrigava a ir direto. A gente tinha reuniões mensais que nem eram em Seropédica, eram no campus de Nova Iguaçu, lá ficava a sala do Pibid. Geralmente, eram na sexta-feira pela manhã, então, às vezes eu ficava lá na parte da manhã e uma parte da tarde na reunião do Pibid. O que me obrigava era, eventualmente, fazer reuniões com os professores que estavam sob minha responsabilidade. O último Pibid da Rural foi enorme, eram mais de 20 subprojetos. No início eram quatro coordenadores e depois ficaram apenas dois, eu e um outro colega, e tinha a coordenadora institucional. Nós fizemos uma divisão, cada um ficou responsável por um grupo de professores. Então, isso me obrigava a acompanhar esses professores, o trabalho deles. Mas a gente sempre estava pensando, para além das atividades que eram feitas dentro das escolas, nós tínhamos, eventualmente, reuniões com todos os coordenadores dos subprojetos. E nós também sempre estávamos pensando alguma coisa para realizar. Por exemplo, tinha o Sipibid [Seminário Institucional do Pibid], isso era obrigatório. Uma vez por ano a gente fazia uma atividade, durava dois dias, que a intenção era justamente mostrar aquilo que cada subprojeto estava fazendo para a comunidade acadêmica e da cidade de Seropédica ou de Nova Iguaçu. Nós também publicamos algumas coisas, organizamos alguns livros nessa época envolvendo essas atividades do Pibid, alguns artigos também, alguns trabalhos foram apresentados em congressos dentro do país. Então, foi uma atividade que dava trabalho, mas que também não me obrigava, sendo necessário eu ia.

Eu nunca me incomodei de ter que ir lá de segunda à sexta. Já teve semanas que eu tive que ir de segunda à sexta lá, mas é raro, é mais provável que eu vá três dias na semana, porque eu sempre procurei, e outros colegas também fazem a mesma coisa, concentrar as atividades nos dois dias. Então, há muito tempo eu dou aula de manhã das dez ao meio-dia e da uma às três. Então, se eu tiver que fazer alguma reunião com algum aluno ou coordenador, eu procuro fazer depois das três. Ou então, eu marco numa terça-feira, num dia que eu não vou dar aula. Eu procuro marcar se eu tenho dois, três orientandos, aí eu marco manhã e tarde com eles, de acordo com a disponibilidade deles também. Então, eu procuro otimizar o tempo. Porque hoje, já há algum tempo, que eu evito de ler seja dentro do metrô ou no ônibus, porque eu sou míope, muito míope, e eu tive quase que um descolamento da retina.

J – Por conta disso? Eu faço muito isso.

V – É, por conta disso. A oftalmologista me disse: “Olha, você está proibido de ler dentro do ônibus”. Porque tem a trepidação e aí a sua retina fica se movimentado e ela falou: “E isso pode levar você até o descolamento da retina”. E eu quase tive. E o tratamento é muito dolorido, porque são umas aplicações com canhão de laser, uma coisa muito dolorida, então, eu evito fazer isso hoje em dia.

J – O que pra você é um problema, porque você vai de ônibus pra Rural, são duas horas, é o tempo ideal pra você ler um monte de coisa. Eu tenho amigos que dão aula em Campos que usam a estrada pra ler.

V – Sim, todo mundo faz isso. Eu fazia isso quando eu trabalhava na PUC, eu corrigia prova, fazia tudo dentro do ônibus, do metrô. Agora, hoje eu evito fazer. Como eu levanto muito cedo, porque eu dou aulas às 10h, mas eu gosto de chegar lá por volta das 8h30, então, eu levanto quinze para às cinco...

J – Caramba, você levanta às 4h45.

V – É, eu saio de casa em torno de 6h, 6h20 no máximo, pego o metrô do Estácio até a Central. Da Central eu vou até Coelho Neto e em Coelho Neto, eu pego o ônibus para Rural, que aí leva uma hora, uma hora e pouco até lá. Então, eu chego lá por volta de 8h30. Aí é o tempo que eu tenho para tomar um café, olhar os meus e-mails.

J – Você abre lá os seus e-mails? Não é em casa, em geral.

V – Em casa ou lá, dependendo...antigamente, eu abria toda hora, todo dia. Hoje em dia estou abrindo menos, estou tentando abrir menos.

J – Você seleciona? “Esse aqui eu vou responder amanhã, esse aqui...”. Você faz isso?

V – É, hoje estou fazendo mais isso, porque é enlouquecedor chega um monte de e-mails. Eu tenho um e-mail que eu uso para os alunos, que é aquele que eu divulgo para os alunos, que é o Hotmail. E eu tenho um outro do Uol que eu uso para a vida particular, para conversar com os colegas e um ou outro aluno tem esse e-mail. Então, eu tenho que olhar essas duas caixas de e-mail. Eu tenho um outro Gmail, mas eu nunca abro. Esse quando alguém manda pra lá fica perdido e eu falo: “Não mande para esse Gmail que esse eu não abro”. É uma loucura isso. Mas então eu chego lá, eu abro a caixa de e-mails, se tiver que colocar algum texto na xerox, eu levo lá. Se tiver que passar no departamento, se o departamento estiver aberto, eu vou lá resolvo o que tem que resolver, procuro fazer essas coisas e depois vou para sala de aula. Porque na Rural os prédios são muitos distantes, eu estou situado no ICHS, mas eu dou aula muitas vezes no PAT, que é o prédio de aulas teóricas, então, eu tenho que me deslocar, e aí caminhando leva uns dez, quinze minutos até lá. Isso quando não é em outro prédio. Tem outros prédios que são mais longes, o IZ [Instituto de Zootecnia] é mais longe, o IB, que é o prédio de Biologia. A Rural é muito espalhada.

J – É tipo o Fundão?

V – É, o campus é enorme e tem prédios que são muito distantes. E o transporte interno é muito ruim. Tem dois ônibus, que geralmente passam lotados, então, dificilmente você consegue pegar um ônibus daquele pra chegar onde você quer chegar, então, eu prefiro mesmo ir caminhando. Eu não me incomodo de caminhar, é até bom, como eu sou sedentário é bom. Então, eu caminho até lá, dou a aula, depois volto para o meu prédio, onde eu almoço, depois volto novamente para o prédio para dar a aula da tarde. É por isso que eu prefiro chegar lá cedo. O deslocamento é mais rápido, tem menos trânsito, já resolvo as coisas de manhã e não tendo nada depois das três, eu vou embora, justamente para evitar novamente o trânsito pesado. Mas raramente eu consigo fazer isso. Geralmente, tem alguma coisa pra fazer, então, eu acabo saindo de lá às 16h30, 17h, 17h30. Às vezes eu consigo uma carona, às vezes tem alguma colega que mora aqui em Botafogo ou em algum bairro aqui do Rio, às vezes eu consigo uma carona de volta. A volta é a hora que eu sinto falta de carro, porque na volta eu fico louco para retornar. Se não tiver carona, o primeiro ônibus que passar eu pego para voltar logo pra casa.

J – No caso, tua rotina, tem muito trabalho administrativo, você conseguiu tempo pra fazer pesquisa? Como é que foi isso? Acho que eu já tinha perguntado...

V – É, a gente tem que cavar tempo.

J – Como é que é cavar tempo?

V – Justamente, durante esse período que eu tive que assumir essas atividades administrativas, sobrou menos tempo pra pesquisa, houve uma queda acentuada. Eu estou tentando agora voltar. O ano passado, eu tive uma bolsista, foi minha segunda bolsa de iniciação científica. Na verdade, eu e uma colega estávamos em busca de programas que a gente pudesse usar como ferramenta de pesquisa. E aí eu encontrei um programa, porque o problema nosso é que esses programas são caros e a gente não tem verba pra comprar. Então, eu comecei a buscar na internet se havia um programa gratuito e eu encontrei um chamado *Iramuteq*², que vem sendo muito usado no Brasil. É um programa francês, mas que vem sendo muito usado aqui no Brasil em várias instituições de pesquisa. É um programa que faz análise quantitativa e aí baixei esse programa e pedi uma bolsa de iniciação científica para, principalmente, aprender a usar esse programa. Então, uma aluna que já era minha orientanda, ela estava escrevendo a monografia comigo e acabou trabalhando comigo nessa pesquisa. Porque, na verdade, eu estava trabalhando e trabalho até hoje numa pesquisa que não é registrada em lugar nenhum. É uma pesquisa que a gente está fazendo com uma colega lá da Rural, a Mayra Goulart. Ela me convidou para trabalhar com ela numa pesquisa que era codificar programas de governo para uma agência alemã, que tem um banco de dados com codificações dos programas de partidos políticos do mundo inteiro desde o início do século XX até os dias de hoje. Porque eles acreditam que essa codificação permite situar os partidos no eixo esquerda/direita. Eu tenho algumas dúvidas, alguns questionamentos sobre isso, mas enfim, eu venho trabalhando com ela nessas codificações já há algum tempo. Já fizemos várias. Estamos terminando uma agora que são os programas de 1989, dos candidatos de 1989. Então, eu tinha esse material, esse programa de governo, e aí falei: “Ah, vou usar...”. Eu peguei os programas da Dilma, do Aécio e da Marina para justamente utilizar nessa experiência, nessa pesquisa pra aprender a usar esse programa. E fizemos essa pesquisa, eu cheguei a produzir, não está concluído ainda, um tipo de tutorial. Na internet tem vários, mas eu não gostei de nenhum deles, aí resolvi fazer o meu próprio tutorial, ensinando o passo a passo de como usar esse programa.

J – Em vídeo?

V – Em vídeo não, na verdade era usando esse programa do *Word*, esse de slides. Então, era um passo a passo de como fazer isso, minto, está no *Word*. A intenção minha é ensinar para alunos da Rural, que estejam interessados, a usarem essa ferramenta, fazer alguns

² <http://www.iramuteq.org/>

laboratórios ensinando a usar essa ferramenta. O ano passado uma colega estava dando uma disciplina de métodos e técnicas de pesquisa na pós-graduação e ela me convidou e aí eu fui lá pra falar desse programa. Aí alguns alunos ficaram interessados, eu passei pra eles algumas dicas, algumas informações de como acessar...é muito simples usar esse programa. É uma questão de você ir...tendo paciência, você acaba aprendendo a usá-lo. Então, essa pesquisa foi feita o ano passado. Então, eu tenho esse tutorial que eu produzi e tenho um artigo que eu pretendo terminá-lo em breve pra poder mandar pra algum lugar.

J – Já estamos terminando. Você falou de orientação, você orienta na graduação, mas você orienta no mestrado também?

V – Sim.

J – Como é você como orientador? Você é daqueles que cobra em cima ou espera a pessoa te procurar? Tem uma dinâmica de reunião regular? Como você faz?

V – Tem que ter uma dinâmica de reunião regular, porque se deixar não sai. Eu comecei no doutorado em 2013, se eu não me engano, e desde então eu tive acho que uns cinco orientandos. Então, eu procuro marcar com eles pelo menos uma vez por mês ou uma vez a cada dois meses uma reunião pra ver o progresso do trabalho deles.

J – Em conjunto ou individual?

V – Eu faço individual. Agora eu estou com um único orientando, mas eu já tive época de ter dois, três, mas como os assuntos são muitos díspares, então, eu prefiro fazer as reuniões individuais. Então, eu recebo o aluno lá na sala e aí ele apresenta...na verdade, ele manda, eu sempre peço para mandar com antecedência pra eu poder ler, aí eu faço as anotações, mando pra ele e aí reúne pra resolver ali o problema. Agora, mesmo assim, é muito difícil e os alunos acabam tendo que estender o prazo deles, porque o prazo deles é março, abril, mas acabo tendo que pedir prorrogação até agosto pra poder eles terminarem e defenderem a dissertação deles. Tem alunos que chegam lá completamente perdidos, tem dificuldades, eu sinto, de escrever, desenvolver, então, eu tenho que sentar reescrever com eles, corrigir. Então, essas coisas exigem muita paciência, tempo e dedicação.

J – Aliás, isso me leva a uma outra pergunta sobre professor. Você dá aula na Rural e dava aula na PUC, eu imagino que a audiência seja completamente diferente de perfil socioeconômico dos alunos, étnico-racial, como é que bateu isso pra você? Te desafiou?

V – Claro, foi muito diferente...eu senti diferença em várias coisas. Mas acho que a maior diferença que eu senti foi a facilidade de acesso aos recursos. Na PUC, eu chegava em sala de aula, estava um funcionário no corredor, eu chamava ele e pedia a ele: “Olha, eu

quero usar aqui o Datashow, eu quero passar um filme”. O cara chegava lá, armava tudo e pronto. Na Rural, não tem isso, você tem que fazer, às vezes o aparelho não funciona, então, é um inferno. Eu até evito de fazer essas coisas em sala de aula, porque dá muito trabalho e você não tem a quem recorrer. Eu não tenho essa capacidade às vezes de colocar um Datashow pra funcionar. Isso que eu senti mais diferença. Na PUC, eu chegava lá no departamento: “Quero 20 cópias dessa prova aqui”. Lá não, lá eu não posso fazer isso, porque a gente não tem onde fazer, não tem nem recursos. Então, eu tive que bolar outra estratégia pra dar prova. Como é que a minha prova: eu dou as questões com antecedência para os alunos, mando por e-mail e no dia eu sorteio uma questão para o aluno fazer em sala de aula.

Agora, em sala de aula com os alunos eu não tive muita dificuldade não. Até porque na PUC, dependendo do curso, você vai encontrar alunos da classe média alta ou da classe alta, alunos que moram no Leblon, em Ipanema, São Conrado...e em outros cursos, você vai encontrar uma turma mais miscigenada, mais heterogênea, cursos de História, por exemplo, Geografia. O próprio curso de Comunicação tinha muito aluno que morava na zona norte. A gente descobria isso, quando o aluno vinha na época da prova, preocupado com o seu CR: “Ah, professor, porque eu sou bolsista, não posso perder a bolsa e tal...”. E tem alunos da PUC, eu imagino que ainda seja assim, como alunos de Serviço Social. Serviço Social eu cheguei a dar aula duas vezes. Eram alunos que moravam em comunidades, quase 100% mulheres, lideranças. Então, eram públicos bem diferentes. Então, eu já estava acostumado a lidar com esses públicos diferentes. A diferença é que na Rural você não encontra esse público da classe média alta. A maioria dos alunos dali são alunos da zona oeste, baixada ou alunos de outros estados.

J – Por causa do Sisu [Sistema de Seleção Unificada].

V – É, e com muito menos frequência alunos de outros países. Na PUC, eu tive muito mais contato com alunos de outros países: americanos, canadenses, alemães, portugueses, chilenos. Na PUC, eu tive uma vez acho um aluno angolano. E agora eu estou orientando um aluno angolano, mas na pós-graduação. Mas, então, não tive muita dificuldade.

Só para eu falar uma coisa antes que eu me esqueça, com relação a essa pesquisa desse consórcio alemão, essa pesquisa também rendeu um artigo que nós mandamos para uma revista, a revista depois pediu que a gente fizesse uma série de mudanças, depois mandamos novamente e até agora não temos a resposta da revista se vão publicar ou não. Mas aí também gerou um artigo que talvez seja publicado.

J – Última parte da entrevista, já estamos terminando, é sobre alguns hábitos. Redes sociais, você acessa? *Facebook, Twitter, Instagram...*

V – Olha...*Instagram* não. Tenho *Facebook*. Eu uso o *Facebook* às vezes para me manifestar em relação à alguma coisa da política, algum fato importante ou, principalmente, pra divulgar: “Ah, eu vi uma pesquisa do João Marcelo...” ou “Ele lançou um livro...”. Aí eu coloco no meu *Facebook* pra divulgar, porque alunos ou às vezes colegas daqui do estado, de outros estados ou até de outros países...eu acho importante eles terem essa informação que foi publicado um livro. Hoje mesmo pela manhã eu fiz isso. Vindo pra cá um colega fez o convite para o lançamento do livro dele, eu mandei lá para o meu *Facebook*, divulguei. Porque eu acho que é importante, às vezes o aluno está interessado naquele tema e aí tem acesso que foi publicado um livro novo. Eu não coloco nada da minha vida pessoal no *Facebook*. Então, eu uso ele pra fazer alguma manifestação minha política pessoal, ou então, pra fazer essas divulgações de trabalhos que eu acho interessante, acadêmicos ou não.

J – E você lê pela internet blogs de política, sites de política ou jornais? Você tem esse hábito de consumir informação política pela internet?

V – Hoje em dia, eu consumo muito mais pela internet do que pelo jornal. Hoje raramente eu leio jornal de papel. Eu uso o *Facebook* às vezes até por isso pra ter leituras de várias fontes de informações. Eu sou assinante do *O Globo*, então, às vezes eu leio *O Globo* pela internet. Embora, ultimamente eu não tenha feito muito isso. O Uol também, eu também sou assinante. Eu leio muito mais pela internet do que em papel. Às vezes chega uma revista lá em casa e eu acabo lendo a matéria pela internet, embora a revista esteja ali do meu lado.

J – Jornal gringo, você lê eventualmente?

V – Eventualmente, aí quando chega alguma notícia pelo *Facebook*, uma matéria do *Washington Post, New York Times*, alguma coisa assim.

J – Você usa lista de e-mails para se comunicar com os alunos? Tem lista de discussões, comunidades ou alguma coisa do tipo?

V – Não, eu tenho o Hotmail que é justamente para falar com os alunos. Por exemplo, quando começa o semestre eu já mando um e-mail para os alunos dizendo: “Olha, a aula vai começar no dia tal. Para a primeira aula eu quero que vocês façam isso. O texto vai estar lá na xerox a partir do dia tal.”. Então, eu uso para isso. Por exemplo, acontece alguma coisa e eu não vou poder dar aula, eu mando um e-mail para os alunos. E eu falo para os alunos: “Esse e-mail é para vocês comunicarem comigo alguma coisa

importante”. Então, sei lá, o aluno às vezes usa pra: “Ah, professor o texto não está lá na pasta”, ou então, “Amanhã eu não vou poder assistir a sua aula”, ou então, pra confirmar se a prova vai ser mesmo tal dia. Eu sempre no primeiro dia de aula eu chego em sala de aula, apresento o curso e já marco todas as provas. Já dou o dia. Está tudo certo lá no meu programa. Lá na Rural nós temos um quiosque, então, eu coloco lá no quiosque o meu programa analítico. Então, eu falo: “Olha, está lá, leiam, porque lá estão todas as leituras obrigatórias, lá estão todos os dias em que ocorrerão as provas, qualquer mudança que ocorrer nesses dias, eu vou comunicar previamente, etc.”. Então, eu uso e-mail para todas essas comunicações esporádicas e importantes.

J – Tá certo. E você já esteve, recentemente ou atualmente, envolvido em alguma atividade profissional tua que seja para um público não acadêmico? O que se convencionou em chamar de extensão ou mesmo vida política, pública. Tem alguma coisa da tua vida por aí?

V – Não. Esse semestre nós fizemos, um colega, o professor Pedro Henrique Campos, professor do Departamento de História lá da Rural.

J – Sei, sei quem é.

V – Pois é, o Pedro foi convidado pela reitoria para organizar um curso de extensão sobre o golpe. O golpe à democracia no Brasil. Em resposta àquela intervenção, àquela bobagem que o MEC fez lá na UnB. E aí ele me convidou para ajudá-lo, eu topei, aceitei e aí nós coordenamos esse curso. Deve terminar agora, tem ainda duas palestras que vão ocorrer agora em agosto. E aí é um curso de extensão que é aberto para qualquer um. Fora isso não.

J – Mas você tem dado aula nesse curso de extensão?

V – Não, esse curso, na verdade, como ele foi organizado: nós convidamos colegas de vários departamentos para pensarem alguma palestra, uma mesa, organizarem uma mesa. Eu organizei uma das mesas que foi uma mesa para discutir a situação política. Então, chamei o Paulo d’Avila que é professor da UERJ, o professor Darlan [Montenegro], que é lá da casa, da Rural, e o professor Nelson Rojas que é professor também da Rural, mas lá de Nova Iguaçu. Então, assim foi feito e outros colegas fizeram igual. Então, teve uma palestra de Economia, outra de Educação, o pessoal da Geografia, o pessoal de Relações Internacionais, vai ter agora a do pessoal do Direito, que já era pra ter ocorrido, mas por causa da paralisação dos caminhoneiros tivemos que cancelar, e a última será...eu não me lembro de qual curso. Era uma por semana, a gente filmou todas as palestras e a intenção agora é transcrever todas essas palestras e transformar em um livro, não sei se a gente vai

conseguir fazer, mas a intenção é essa. E desde o início, a gente quis fazer justamente uma atividade aberta. Claro, a gente ficou preocupado em Ministério Público tentar embargar ou até convocar a gente para algum tipo de depoimento, mas foi um pedido da reitoria e eu falei: “Vamos tocar o negócio e ver no que dá”. Até agora não tivemos nenhum problema nesse sentido e eu espero que não tenha, porque a principal intenção do curso era justamente mostrar e lutar pela autonomia das universidades em criar os seus cursos e ter liberdade de criar o conteúdo dos seus cursos. Até porque a gente vive numa universidade, nós temos lá, por exemplo, grupos de estudos liberais. Tem um grupo lá, um pessoal lá, acho que são alunos do curso de Economia que discutem, tem grupo de estudos, são todos liberais e promovem atividades. Então, qualquer um pode promover qualquer tipo de atividade desde que a atividade não seja agressiva, não esteja ofendendo a quem quer que seja, seja um grupo étnico ou político, enfim, tem a liberdade de fazer. É só chegar lá, marcar o auditório e fazer a atividade, ninguém vai embargar, impedir. Então, a nossa intenção era justamente defender esse direito, não é só um direito daqueles que são de esquerda. É de quem é de esquerda, de centro e de direita. Qualquer um pode fazer uma atividade nesse sentido.

Inclusive, isso rendeu, até porque nós fomos desde o início muito abertos, uma matéria na revista *Época*. A matéria de um modo geral foi bem honesta, nós recebemos lá na reitoria o repórter da *Época*, ele nos entrevistou durante uma hora e meia lá na reitoria, o reitor, eu e o meu colega Pedro. E acho que a matéria foi bem honesta, o repórter acompanhou as quatro primeiras palestras que ocorreram e acho que foi bem honesta. Houve algumas distorções, uma coisinha ou outra, mas de um modo geral foi bem honesta com aquilo que ocorreu e que nós falamos.

J – Bom, Vladymir, a gente cobriu tudo aqui, queria te agradecer pelo teu tempo.

[FIM DO DEPOIMENTO]